

## **As Igrejas e a ECO-92** **— Pensamentos Avaliativos**

**Gottfried Brakemeier**

“Uma Resposta Ecumênica à Cúpula da Terra” — é o que se tinha proposto a ser o “Encontro Internacional” convocado pelo Conselho Mundial de Igrejas para os dias 1º a 7 de junho de 1992 como programa paralelo à Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Estava colocado sob o tema “Buscando Novo Céu e Nova Terra” e congregou representantes de grande número de denominações cristãs em todo o mundo. A pergunta é se o Encontro alcançou seus objetivos. Estou propenso a dizer um simultâneo sim e não. Eis a reflexão de um participante.

1. A força do Encontro esteve, antes de mais nada, em seu simbolismo. De certa maneira a Cúpula da Terra se reproduzia numa “Cúpula de Igrejas”, ainda que esta reunisse não tanto “dirigentes”, e, sim, “povo cristão”. Também o lugar do Encontro foi significativo: Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, é sabidamente um dos lugares de maior concentração de pobreza e violência no país. Situa-se longe do Riocentro e do Aterro do Flamengo, que foram os palcos da ECO-92. Em analogia à história de Natal poder-se-ia dizer que as igrejas se reuniram em “Belém”, não em “Jerusalém”; à margem, não no centro, em sinal de solidariedade com os “esquecidos” pelo desenvolvimento econômico.

Além disto, os objetivos ecumênicos lograram um êxito brilhante. Acolhidos pela figura simpática e marcante do bispo católico D. Mauro Morelli e pelas dinâmicas comunidades da área, os participantes do Encontro experimentaram profunda hospitalidade eclesial e um privilegiado momento de fraternidade em Cristo. São inesquecíveis as celebrações com o povo sofrido e, não obstante, alegre. A vigília de Pentecostes, em Duque de Caxias, se me gravou na memória como verdadeira parábola do Reino. Aliás, a época foi providencial. Permitiu invocar e lembrar, com vigor, a obra do Espírito Santo que congrega, ilumina e santifica não só a cristandade, e, sim, toda a criação. A “Carta às Igrejas”, despachada pelo Encontro, é testemunho disto.

É possível que essa promoção ecumênica não tenha tido a repercussão pública por muitos desejada. Os meios de comunicação pouco espaço lhe cederam. Acredito, porém, que sua relevância se situa exatamente em sua marginalidade. Buscou a solidariedade com quem mais sofre neste continente.

2. Em termos de conteúdo igualmente houve o que merece destaque.

O Encontro abriu novas pistas, ou reforçou outras conhecidas, porém obstruídas por interesses políticos, econômicos e ideológicos. Menciono:

a. Foi forte a insistência na estreita relação que há entre ecologia e causa social. O luxo e o desperdício obviamente são inimigos do meio ambiente. Não menos, porém, o é a pobreza. Justamente por isto, ecumenismo e ecologia estão intimamente ligados. Ambos dizem respeito à “casa” (*oikos*), à nossa habitação terrestre, cuja preservação exige a um só tempo uma nova “lógica” e uma nova comunhão. A sobrevivência da espécie humana tem por premissa um mundo compartilhado, ou seja, a justa distribuição dos recursos e dos encargos. Importa substituir uma visão antropocêntrica da realidade por uma visão ecocêntrica. Não o indivíduo ou o grupo isolado, e, sim, a vida em seu conjunto merece a atenção e o cuidado preferencial.

b. Isto implica que “desenvolvimento” já não mais possa significar a multiplicação do consumo. De termo quantitativo deve passar a ser termo qualitativo, garantindo vida condigna neste planeta também no ano 3000, por exemplo. Portanto, a necessidade de reorientação global, imposta à humanidade e causa da realização da ECO-92, teve eco forte em Nova Iguaçu. O futuro da humanidade exige um novo modelo de desenvolvimento, que venha a substituir o sistema explorador ora dominante.

c. A contribuição de maior relevância, porém, vejo em outro aspecto. Não é incomum ouvir de ecologistas a acusação de que a fé cristã teria fornecido o instrumental religioso, ideológico e cultural para a depredação do planeta. Isto teria acontecido não devido a uma ou outra passagem bíblica mal interpretada, a exemplo daquela que incumbe o ser humano da tarefa de sujeitar a terra e dominar sobre ela (Gn 1.28). O pecado do cristianismo seria bem pior. Pois, fazendo uma distinção entre o Deus criador e a natureza criada, a tradição judaico-cristã teria secularizado o meio ambiente e o exposto à agressão humana.

De fato, a Bíblia faz clara distinção entre Deus e o mundo. Ela desmistifica os poderes da natureza. Não permite o culto à deusa “terra”, ao deus “sol” ou ao deus dos mares, por exemplo. Para a fé cristã nada neste mundo é divino. Tudo é criação, matéria-prima a ser usada sem receio de ferir algo sagrado. Porventura reside aí a raiz da destruição da biosfera?

Judaísmo e cristianismo fazem bem em levar a interrogação a sério. Foi do mundo ocidental “cristão” que partiu a conquista científica e tecnológica do planeta. Mesmo assim ousou afirmar que a acusação tal qual apresentada não pode ser sustentada. A “secularização” do mundo torna-se perigosa somente quando se emancipa de Deus e instala o arbítrio. De acordo com a fé do Antigo e do Novo Testamentos, porém, a natureza tem dono, perante quem importa prestar contas. A natureza continua sagrada. O próprio Criador, por intermédio dela, dá testemunho de si mesmo (cf. Rm 1.20, etc.). Ela é transparente para a sabedoria de Deus (1 Co 1.21). Portanto, não se permite a arbitrariedade ao ser humano.

É de admitir que a teologia do primeiro e do terceiro artigos do Credo, nas igrejas protestantes, por demais vezes vegetou à sombra do segundo. Houve, inclusive, distorções da fé, separando Deus de sua criação, julgada ruim e jogada ao abandono. Há um déficit de teologia da criação a recuperar. É o que acontece na “Carta às Igrejas”, redigida em Nova Iguaçu. O Deus da vida e sua criação são vistos em estreita correlação. Fala-se numa presença do Espírito Santo em toda a criação. Por isto, o viver de acordo com o Espírito, exigido pela Bíblia (cf. Rm 8.4, etc.), se concretiza essencialmente na luta em defesa da vida.

São dimensões um tanto esquecidas que voltam a ser enfatizadas nas igrejas. Bem o ilustram Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer em instrutiva contribuição luterana à ECO-92 sob o título “Por uma Espiritualidade Cristã Ecológica” (*Jornal Evangélico*, CIV, 1992, nº 10, p. 2). É mérito do Encontro de Nova Iguaçu ter assumido essa causa de não confundir, mas também de não separar Deus e sua criação. Um processo de (re-)aprendizagem está diante das igrejas e da humanidade.

3. Em síntese, a promessa de o Encontro ser e dar uma “Resposta Ecu-  
mênica à Cúpula da Terra” foi de alguma forma cumprida. Foram colocados sinais e ênfases extremamente relevantes. Ainda assim, o Encontro revelou também embaraços e dificuldades que o deixaram em débito com sua meta. Essa constatação não diminui a validade do evento. Aponta, isto sim, para assuntos pendentes que exigem atenção no futuro.

a. Início com uma questão formal, e, todavia, digna de registro. Teria sido desejável a participação algo mais expressiva de bispos, presidentes, secretários ou outras lideranças eclesíásticas. Como interpretar sua quase total ausência? Porventura assinala que a ecologia continua sendo matéria não realmente assumida pelas igrejas? Embora promovido pelo Conselho Mundial de Igrejas, em cooperação com entidades ecumênicas como o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), o Encontro se ressentiu da falta de maior cobertura eclesíastica institucional. Não advogo, sob hipótese alguma, uma cúpula de bispos. Acredito, porém, que também eles têm seu lugar entre o povo cristão. Quem, afinal, esteve reunido em Nova Iguaçu? As igrejas, um movimento transconfessional, organismos ecumênicos, comunidade eclesial de base, ou...? A resposta de maneira alguma está clara.

b. Foi ambíguo o tema do Encontro. Como se relacionam escatologia e ecologia? A problemática aflorou na pergunta pelo que, afinal, competiria buscar: um novo céu e uma nova terra, ou o novo céu e a nova terra? Além disto, era notório que a menção do novo céu atrapalhava. Naturalmente as pretensões eram modestas. Não se pode pretender a construção do reino de Deus por esforço humano. Trata-se, isto sim, de antecipá-lo em sinais e demonstrações provisórias. O Encontro queria atender à exortação de Jesus que diz: “Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça.” (Mt

6.33). Ainda assim, permanecem problemas a resolver. Sob a perspectiva escatológica, como unir os esforços cristãos com os de outras religiões, não-adeptas da esperança cristã? Existe um modelo sócio-político capaz de se arrojar a qualidade de um modelo escatológico? Por que devemos querer antecipar o futuro, se queremos salvar esta velha terra? Portanto, a motivação teológica para o engajamento na preservação da vida do planeta continua em pauta. Porventura será a escatologia o melhor ponto de partida?

c. A escolha desse enfoque talvez explique em parte a falta de concreteness das propostas do Encontro. Os contornos da “visão de um desenvolvimento justo, pacífico e ecologicamente sustentável numa sociedade mundial centrada na vida”, de que fala a “Carta às Igrejas”, permaneceram pálios. Obviamente não compete às igrejas a elaboração de soluções técnicas. Não obstante, é imprescindível a reflexão sobre as estruturas de um modelo social alternativo, com o propósito de testar sua viabilidade. Da mesma forma se esperaria maior precisão e determinação na indicação de prioridades práticas. Faltou ao Encontro assessoria especializada. Sob este aspecto o Foro Global foi incomparavelmente mais produtivo, o que propõe às igrejas, mais uma vez, a pergunta pela especificidade de sua contribuição.

d. Somente à margem despontou a questão da contenção da explosão demográfica no mundo. É um tema polêmico, sujeitando o ecumenismo a duro exame. Entretanto, não há como evitá-lo. Também em termos populacionais o crescimento possui claros limites. Exige-se, pois, uma política demográfica responsável e previdente. Existem abusos a denunciar, a exemplo da esterilização forçada. Outros assuntos, como aborto, o uso de anticoncepcionais, educação sexual, as responsabilidades de pais, escola, Estado e Igreja entram em pauta. O silêncio não é solução. O planeta Terra não tem condições de abrigar e alimentar um número de habitantes substancialmente superior ao atual, desde que se lhes queira garantir um mínimo de qualidade de vida. Uma resposta ecumênica das igrejas a este desafio ainda não está à vista.

e. Também as igrejas, pois, lutam com dificuldades diante do tema da ECO-92. Cabe-lhes o pedido de perdão por suas falhas no passado. Cabe-lhes a denúncia profética dos crimes contra a criatura, bem como o anúncio da esperança decorrente do evangelho. Não por último, porém, cabe-lhes a confissão de sua perplexidade e de sua solidariedade na fraqueza. O Encontro foi um testemunho da fé, da esperança e do amor. Nisto está seu imensurável valor. No entanto, ele revelou também o quanto as igrejas, os organismos ecumênicos e o Conselho Mundial de Igrejas compartilham o pasmo, a angústia, os desconcertos da humanidade frente à ameaça de sua sobrevivência. Essa perplexidade deveria ter achado expressão mais nítida no documento final. Paradoxalmente, ela faz parte do testemunho devido pela Igreja ao mundo.

4. O Encontro Internacional em Nova Iguaçu, porém, não foi a única forma de participação de igrejas na ECO-92. Como nenhum outro, o even-

to mobilizou as igrejas. Ainda não foram feitas coleta e avaliação do material preparatório por elas produzido como contribuição à “Cúpula da Terra” e conscientização dos fiéis. O volume é gigantesco. Também nas comunidades e instituições da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) o assunto mereceu atenção, compartilhada por outras igrejas e entidades ecumênicas do país. A importância de tal participação das igrejas, à distância e ainda assim engajada, talvez seja até superior à de um encontro ecumênico internacional. Pois um acontecimento de “cúpula” tem valor somente se for respaldado pelas “bases”, estiver nelas alicerçado, ou conseguir entusiasmar-las para assumir a causa. Assim sendo, pode-se tranquilamente afirmar que a ECO-92 foi um dos maiores eventos eclesiais ecumênicos dos últimos tempos.

Houve pontos altos, evidentemente. Entre eles menciono a demonstração dos evangélicos, a Vigília das Religiões e, não por último, as celebrações das denominações religiosas, cada qual para si e ainda assim de público, no Aterro do Flamengo. Também a União Paroquial da IECLB no Rio de Janeiro havia alugado uma tenda e, juntamente com o Distrito e os hóspedes, teve presença marcante com seu testemunho e seu culto. As ameaças a que o mundo vive exposto aparentemente são capazes de promover um novo ecumenismo. Foi esta uma das experiências mais emocionantes, ou seja, a sensação de uma profunda comunhão na angústia que atravessa as denominações cristãs, as religiões, os povos. Aqui estamos nós, diferentes, sim, arraigados em grande número de confissões e culturas; mas estamos todos no mesmo barco, atribulados, culpados, desnorteados; implorando a compaixão de Deus. Neste momento se reafirmou para mim que unicamente o *sola gratia* fundamenta verdadeira comunhão humana e que ele é o princípio ecumênico por excelência.

É claro que o “novo” ecumenismo não deixa de levantar questionamentos. Entre os cristãos há, como vimos, muitos temas a trabalhar. Esperamos que a urgência dos assuntos acelere a aproximação das igrejas. De igual forma cabe averiguar o quanto e com que subsídio específico cada uma das religiões contribui à causa do desenvolvimento sustentável. Muito trabalho está à frente das igrejas e das religiões. À celebração da unidade, havida na ECO-92, deve seguir-se a definição da mesma. Caso contrário a cúpula do Rio não terá passado de um espetáculo provocador de fugazes emoções. É uma das atribuições das igrejas zelar para que a ECO-92 tenha sido o início de uma caminhada, não o ato final de um drama com desfecho trágico. A participação das igrejas deve ter sido mais do que episódio. Requer continuidade no afã de transformar a Conferência do Rio de Janeiro em compromisso permanente.

Gottfried Brakemeier  
Caixa postal 2876  
90001-970 Porto Alegre — RS